

Elbio Neris Gonzales

Sadi Dal Rosso*

* Sadi Dal Rosso é professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil.

Bibliografia, história, obra

O professor Elbio Neris Gonzales deixou marca na construção da sociologia brasileira, seja em função de sua atividade como docente de graduação e de pós-graduação, seja como orientador na pós-graduação, seja ainda na produção intelectual sob a forma de tese, artigos, projetos de pesquisa. Dois objetos complementares podem ser destacados da obra sociológica do professor.

Teoria e metodologia

Primeiramente, o professor foi a vida inteira obstinado por questões de teoria e metodologia da pesquisa. O objeto da sociologia não é o objeto empírico, uma vez que o conhecimento se produz na esfera do pensamento e não da matéria. Sua produção científica combatia sistematicamente a compreensão do objeto da sociologia pela via do empírico, tal como elaborado por Augusto Comte e por Francis Bacon nos primórdios da ciência moderna e tal qual se encontra no conhecimento da prática e da empiria contemporâneas. Para esses autores, não existiria conhecimento positivo se não houvesse o reconhecimento de que a sociologia fosse uma ciência semelhante à física que aspiraria a formular leis do conhecimento. Elbio procura manter-se dentro da noção de que o conhecimento se produz pelo pensamento e assim é com o objeto da sociologia. A construção de conceitos é essencialmente obra no terreno da teoria e da abstração, porque é somente desta maneira que o conhecimento pode ser avançado. Entretanto, como bom filósofo que também era, não poderia virar as costas para a materialidade dos objetos. A empiria não é ponto de partida. Nem tampouco seu papel se limita àquilo que os defensores do neopositivismo apontam, qual seja a de instrumento de destruição de teses e argumentos, que representa uma concepção insuficiente para reconhecer o papel do real na produção do conhecimento. O real pensado, o real apropriado pelo pensamento, tal o caminho que apresenta para a pesquisa teórica e empírica. Esta contribuição de Elbio Neris Gonzales pode ser consultada em seu artigo intitulado “O objeto da sociologia”, escrito e publicado em 1986. Assim como no texto sobre “Conceitos” que faz parte da coleção “Iniciação

à Metodologia Científica: textos básicos”, organizados por Elbio Neris Gonzales e Maria Inês Bastos, publicada em 1974.

Além do enfrentamento ao positivismo, ao empirismo e ao neopositivismo na construção do objeto da sociologia, conceitos e teorias, o autor enfrenta outra solução simplista pela qual a sociologia se transformaria numa área de conhecimento subsidiária da psicologia. Tal disputa transparece na forma como é entendida a relação entre o ser e sua consciência. Uma linha de interpretação estabelece que a consciência antecede o ser, posição que leva a construir uma psicologia da sociologia. A segunda interpretação – e que fortalece o campo da sociologia – consiste em entender o ser como antecedendo a sociologia. Esta segunda interpretação representa propriamente o desenvolvimento da sociologia enquanto tal, sem reduzir o papel da consciência nas relações políticas e sociais.

Migração e capitalismo

O estudo das migrações foi outro objeto sociológico que capturou o interesse do professor Elbio. Migrações são objeto de estudo, de teorização e de trabalhos empíricos e ações políticas desde o século XIX. Durante a industrialização inglesa, a migração rural urbana ocupava o interesse dos pesquisadores, conquanto a migração urbana também fosse um mecanismo de redistribuição de força de trabalho, como a migração de irlandeses para a Inglaterra o demonstra. Por outro lado, o século XIX foi forte em migrações internacionais, que responderam pela ocupação das Américas por europeus, tal como os Estados Unidos da América, a Argentina e o Brasil, após o uso de trabalho escravo importado da África e da Ásia e de indígenas submetidos.

Sobre migração, Elbio escreveu sua tese de doutorado com orientação do professor Luiz Pereira, da Universidade de São Paulo, defendida em 1979, e que tem por título *Migração de trabalhadores rurais no Brasil*. Ainda sobre migração rural existe o artigo de 33 páginas escrito pelo professor, intitulado “Trabalho volante na agricultura brasileira”, publicado na “Série Sociológica” do Departamento de Ciências Sociais, em 1975. Na década 1970, acentuava-se o processo conhecido como capitalização do campo, que provocava enormes movimentos no meio rural, brasileiro ao expulsar moradores, parceiros, meeiros, camponeses, colonos para as beiras das estradas e para as cidades. A capitalização do campo se, por um lado, avançava com a mecanização das atividades rurais e, desse modo, reduzia a demanda de mão de obra, por outro, crescia a demanda pela expansão da cana de açúcar, cujo plantio e corte eram feitos à mão bruta, assim como o algodão, o café e os insumos para abastecimentos dos mercados urbanos (frutas, legumes e

verduras), produtos que exigiam mais mão de obra. A capitalização do campo criou o trabalho volante que atendia a demanda de mão de obra em diversos momentos do ano, conforme as atividades a que se destinava. Concebidos desta maneira, como resultado da entrada massiva de capital no agro, os processos migratórios eram entendidos de maneira completamente diferente da interpretação teórica que era oferecida pela teoria da modernização, que interpretava a migração como componente da modernização geral, um processo pelo qual todas as sociedades deveriam realizar. Na teoria da capitalização, a migração é resultado do processo de transformação, coordenado pelo capital.

Menciono separadamente, ainda em relação ao tema da migração, o grande projeto de pesquisa sobre as *Migrações para Brasília*, publicado em 1973 pelo Departamento de Ciências Sociais, coordenado pelo professor Elbio Neris Gonzales e pela professora Maria Inês de Souza Ribeiro Bastos. O projeto era amplo, contou com a participação de profissionais dos campos de sociologia e de economia, além de professores de estatística. Ambicioso, visava estudar a migração para Brasília com dados primários, produzidos por meio de questionários aplicados a uma amostra, de modo a contribuir com o planejamento de políticas públicas. Os autores não utilizaram informações secundárias existentes e disponíveis, tais como aquelas produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio dos censos demográficos, em razão dos limites que tais informações carregam, particularmente em relação às perguntas que os questionários formulavam. Talvez o principal problema que o projeto enfrentava consistia na montagem de uma amostra significativa. O desenho deste processo coube a professores do Departamento de Estatística. O processo de levantamento de dados que consistia basicamente na elaboração de um detalhado questionário, na coleta a partir de um modelo amostral seguro e o relatório da pesquisa constituem materiais de primoroso desempenho científico que qualificam o Departamento de Ciências Sociais – que antecede ao atual Departamento de Sociologia da UnB –, no qual o professor Elbio trabalhava, e podem ser vistos ainda hoje como modelares para estudantes e quantos desejam realizar um estudo amostral no Distrito Federal.

Como o professor Elbio Neris Gonzales viveu em uma época de disputa entre os sistemas econômico-político-social capitalista e comunista, entre 1941 e 2017, este fato não deixou de transparecer em suas publicações e em sua obra em geral. Elbio foi um defensor das lutas dos povos latino-americanos, assim como das concepções sobre teoria da dependência. Daí provinha também sua ácida crítica ao imperialismo norte-americano e dos países de centro capitalista em geral.

1. Nada daquilo que está contido neste texto teria sido possível não fosse a parceria com a companheira Sueli Franco Gonzales, professora da UnB e administradora, arquiteta e ativista política que defendeu propostas extremamente arrojadas para a universidade e para a sociedade em geral (a exemplo dos modelos de construção de moradias populares) e o apoio recebido de filho e filhas.

Ativismo, engajamento¹, humor

Nascido em Itaqui, Rio Grande do Sul, em 1932, era professor aposentado do Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília.

Fez o mestrado em Eugene, Oregon (University of Oregon), Estados Unidos, e doutorado na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do professor Luiz Pereira. Atuou como professor e orientador na graduação e na pós-graduação.

Foi decano de assuntos estudantis durante a gestão que realizou a transição entre o governo da ditadura militar, quando a UnB era presidida por um capitão de mar e guerra, e o período da democracia restaurada, em 1985-1986.

Foi vice-presidente eleito da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), entre 1990-1992, exercendo a presidência por períodos. Presidiu assembleias durante greve e seu nome ficou atrelado a ação jurídica por ganhos devidos pelo governo.

Como um dos mais antigos professores da UnB, participou de grande parte de sua história, incluindo o episódio da renúncia de 200 professores que entregaram o cargo em protesto contra a invasão de forças militares no espaço do conhecimento e por causa da expulsão de uma dezena de professores perpetrada pelo regime militar em 1965. Anos mais tarde retornou à atividade docente na UnB, quando organizou a retomada do curso de ciências sociais a partir de 1969. As ciências sociais existiram durante toda a história da UnB. No início como matérias de suporte para cursos formais de direito, história, arquitetura, urbanismo. E também na formação das ciências sociais como tal, nos ramos de antropologia, política e sociologia. Sabidamente, a UnB foi uma universidade que acolheu, antes do início da ditadura militar, importantes nomes da sociologia da dependência latino-americana nos seus quadros, entre os quais podem ser citados Vânia Bambirra, Teotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini e André Gunder Frank.

Antes de vir para a UnB, atuou na Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, especialmente no programa de construção das “brizoletas”, como eram chamadas as escolas rurais com duas ou três salas de aula programadas para atender o ensino básico rural. O nome faz referência ao governador Leonel Brizola. Nesta época, Elbio ocupou um cargo na Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul que o colocou frente a frente com falta de material pedagógico nas escolas rurais. Em colaboração com outras duas pedagogas, foi coautor da *Cartilha do guri*, impressa aos milhares e distribuída pelas escolas rurais – há referência a 4000

cartilhas como livro básico de estudo. A excelente tese de doutorado de Chris de Azevedo Ramil (Universidade Federal de Pelotas, 2018) trata desse assunto e apresenta relato detalhado da obra de Elbio Neris Gonzales para o ensino básico rural.

Quem conheceu o professor Elbio em suas relações pessoais com estudantes orientandos ou como estudantes de cursos que eram oferecidos pelo professor na graduação e na pós-graduação reconheceram seu aguçado sentido de crítica e o uso do humor como meio de julgamento, como instrumento para concentrar a atenção, desfazer posições teóricas e políticas a que se opunha ou simplesmente como expressão de alegria.